

Ciências, Ensino e outros saberes fora de moda

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i2.38290>

Thiago Emmanuel Araújo Severo

Biólogo (licenciado/bacharel), Mestre e Doutor em Educação. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Atua na área de Educação, com foco na formação de professores/as; popularização da cultura científica; e interfaces interculturais no ensino de ciências/biologia. E-mail: thiagosev@gmail.com

Mayara Larrys

Bióloga Licenciada, Mestre e Doutora em Ensino de Ciências. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (Brasil). Atua na área de Educação em Ciências com foco perfilização e desenvolvimento de estratégias para a educação científica pautadas no diálogo de saberes. E-mail: mayaralarrys@ufpa.br

Oi, eu sou a Marina

Marina é uma moça de origem humilde, natural de uma cidadezinha tão pequena que o censo contabiliza os habitantes em fofoqueiro por metro quadrado. Pode-se dizer que teve uma infância de muitas escolhas: estudar ou ir ajudar na roça, estudar ou acender o fogão à lenha, estudar ou lavar roupa na pedra. Com um cardápio de escolhas invejável desses, não é difícil presumir que ela optou por estudar. A história oral foi algo muito presente na sua infância. Acredite você ou não, os velórios eram as partes mais divertidas da sua infância. Era praticamente um evento regado a café, histórias e cantigas de violão ao redor da fogueira. A presença dos primos/as e tios/as mais distantes rendia todo o tipo de memória e histórias infundáveis. Talvez ali, ela tenha começado a nutrir uma paixão pela música, pela história oral, pela potência provocativa das diferentes expressões da cultura.

Último semestre de graduação

Ela acordou rindo. Sentou-se na cama e gargalhou por mais alguns minutos. Lembrava da gafe que havia cometido à mesa, no seu jantar de despedida. - "Passa-me a concha, por favor", disse em claro e alto portunhol. Os anfitriões congelaram, os filhos do casal não se aguentaram e caíram na risada. Marina ficou gelada dos pés à cabeça com os olhares. Por melhor que tenha sido suas intenções, ao pedir o utensílio ela não se deu conta de que "Concha", tão comum na nossa terra para servir caldos e sopas, é um falso cognato e que em espanhol significa algo que normalmente não se pediria em um jantar familiar.



Desde que chegou do intercâmbio Marina adquiriu a mania de acordar feliz. Todos os dias se lembrava de um caso ou de uma experiência diferente. É que as memórias de quase um ano em terras estrangeiras para aquela menina pobre do interior pareciam contos de fadas! Mas não se tratava de sonho ou ilusão. Marina havia passado um ano desenvolvendo um projeto de pesquisa em universidades na América do Sul, financiada pelo programa Ciências sem Fronteiras.

Mesmo sem entender muito o que Marina fazia a sua mãe fazia questão de se gabar para as amigas:

- Minha filha é Doutora! Foi fazer pesquisa no exterior.
- Vixe, Nancy, pesquisa é?? E ela pesquisa o quê?
- Uma história de alga, água, alga... Coisa de ecologia, com rio, com essas coisas.
- Tais bem né Nancy? Mandando *fi* pra fora. E vive pegando fiado...
- Mulher! Ela ganhou bolsa e tudo, foi *simbora* o governo pagando. Passou um ano, voltou agora pra terminar os estudos
- Deus abençoe
- Amém (*vea* fofoqueira)

Dona Nancy não estava errada. Para a família isso deveria mesmo ser motivo de orgulho. Ela dizia: "no meu tempo, faculdade era luxo, coisa de rico, mas tem mudado". E essas mudanças se viam na própria família. Depois de Marina, a mais velha, as primas e primos mais novos haviam passado no vestibular, e cada um cursava uma graduação diferente: História, Física, Direito e Marina, Ciências Biológicas.

Depois de se recuperar da crise de risos, e tomar café, saiu correndo para a Universidade. Nos últimos meses esse ritual tem se repetido com frequência - ela acorda cedo e passa o dia todo fora. Esse é o seu último semestre de graduação, e com ele vem muitas responsabilidades: ela precisa entregar o relatório de pesquisa, juntando a parte que fez durante seu intercâmbio com os dados que havia coletado no tempo de bolsa aqui, durante o PIBIC. Tudo isso precisaria ser preparado de maneira muito cuidadosa e transformado em uma apresentação na forma de banner - trabalho que irá ser exposto no Congresso de Iniciação Científica (um ritual importante no encerramento dos planos de pesquisa).

Nesse tempo de conclusão do curso, Marina também atuava em uma escola estadual na sua cidade. Acompanhava turmas do terceiro ano do Ensino Médio no Estágio Supervisionado. Ela havia feito campanha com a professora desde o início do semestre para atuar nesse nível porque queria desenvolver uma sequência didática sobre ecologia da conservação, para trazer coisas que

havia aprendido ao longo da pesquisa. Suas campanhas de convencimento deram certo e a professora liberou o terceiro “E” para que ela trabalhasse nas terças e quintas à tarde.

Aquele semestre passou muito rápido na vida de Marina. A cada semana ela se sentia mais professora. A cada semana ela se sentia mais cientista. Passou rápido... dezembro daquele ano foi marcado por comemorações. A primeira foi junto da turma do terceiro E, com bolo e Simba Cola (sim, porque Coca estava caro, e viver de bolsa é apertado) – mas sinceramente a qualidade do refri não fez a mínima diferença no meio de tantos abraços e cartinhas que ela recebeu - uma que ela guardou com todo cuidado no seu diário foi a de Jorge, que dizia assim:

– *Prof*, sempre odiei aquele monte de nomes que a gente tinha que decorar, mas esse bimestre me apaixonei por biologia e a culpa é sua.

Outra grande comemoração daquele mês foi a sua colação de grau. Ela havia tomado de empréstimo um vestido com uma amiga, para ficar linda para a ocasião, afinal de contas todos os seus colegas de curso, companheiros de laboratório, professores e familiares iriam estar presentes. Mesmo que o vestido fosse encoberto pela Beca, ela não se importava, queria sentir-se plena para aquela noite. E se sentiu. Enquanto o orador da turma proferia sua fala, Marina escapa em pensamento (lembra de tudo que lutou, todos os transportes que tomou, todos os livros que leu, todos os auxílios que teve, todas as bolsas com as quais contou, todas as orientações que participou, todos os professores que a inspiraram e todos os amigos que fez). Sentia-se privilegiada.

– Mulher, vai borrar a maquiagem (disse a amiga).

– O reitor vai chamar nosso nome agora!

Naquela noite Marina tornava-se licenciada em Ciências Biológicas. Abraçou forte seus pais. Tiraram fotos, e foram comer pizza: um mimo de boas-vindas à mais nova professora da família.

Início da carreira profissional

Fevereiro de 2015, pós-carnaval. Parecia que agora sim, começava o ano no Brasil e, para Marina, o ano Letivo. Agora professora de ciências recém-formada, com atuação profissional na mesma escola estadual em que desenvolveu suas sequências didáticas, ela sempre tentava planejar algo diferente. O clima agradável e a beleza natural das cores avistadas pela janela eram convidativos para aulas ao ar livre. Um olho na turma de adolescentes fujões e outro nas flores: era

possível perceber o trabalho intenso dos polinizadores que ao alimentar-se do néctar se impregnavam com os grãos de pólen anunciando novas fecundações e possibilidades de florescimento. Esse cenário inspirador fazia Marina, sentir-se em êxtase (Sim! Porque agora ela além de *formadah é concursadah!*).

A escola parecia que tinha vida própria e todo dia algo diferente acontecia. Uma vez, Dênis, o zelador que vivia com seus fones de ouvido dançando enquanto limpava, havia causado um pequeno caos no almoxarifado da escola: deixou cair e derramar várias garrafas de água sanitária sobre os materiais de papelaria - lápis, resmas de papel. Para não ser pego pela direção, ele tentou reparar o estrago - colocou as resmas para secar no sol da tarde e guardou de volta. Tudo isso bem embaixo do nariz dela, mas ela percebeu algo? *Que nada!* Estava tão absorvida em pensamentos e projetos que não viu nem a xícara de café que Ju, carinhosamente, colocou à sua frente.

Essa escola era seu laboratório vivo, seu espaço afetivo e intelectual de manipular fecundações e possibilidades de florescer pensamentos e práticas científicas. Devo acrescentar que as polinizações eram instigadas a partir das múltiplas experiências vivenciadas durante sua formação acadêmica e ampliadas semanalmente nas reuniões de estudo e planejamento de área. Reunir-se em áreas para estudar e construir estratégias de problematizar ciências foi uma iniciativa do próprio grupo de ciências. Era um momento para trocar figurinhas sobre as experiências que cada um teve em suas pesquisas e intercâmbios e buscar vias para fazê-las reverberar de forma articulada em suas práticas científico-docentes, mas também para tomar café e gargalhar sobre as gafes em terras estrangeiras.

É nesse cenário de possibilidades que Marina propõe e desenvolve suas atividades de ensino e pesquisa. Um de seus projetos, o *Ciências em movimento*, é uma parceria interdisciplinar entre os colegas professores de Química, Física, Artes e Língua Portuguesa. O projeto se propõe a instigar nos estudantes a atitude de pesquisa através da investigação de temas cotidianos que, emergentes da curiosidade do público, eram contextualizados e problematizados a partir de provocações e tensionamentos que faziam pulsar a necessidade de recrutar conhecimentos científicos para respondê-los. O entusiasmo era tão grande que as aulas entravam sábado adentro com debates acalorados sobre as ciências e seu papel na formação de cidadãos mais críticos e politizados. Os responsáveis pelos estudantes agradeciam aos céus pelas crianças que, ao invés de vadiar e acreditar em todo tipo de bobagem e desinformação, estavam se divertindo e aprendendo a pensar criticamente.

A análise dos dados produzidos em cada ciclo do projeto nutria em Marina o desejo de navegar em novos horizontes formativos. Um mestrado profissional? Talvez... “está tudo tão bom, por que não sofrer um pouco?” Sorria sozinha enquanto pensava na piada de mal gosto. Ela é despertada dessas divagações ao som de Calcinha Preta, a música anunciava o fim do intervalo.

“Vixe mulher, acorda que é tu a responsável pela semana de provas!” Desejou levemente voltar no tempo e recusar o convite quase forçado para assumir essa dor de cabeça, quer dizer, essa responsabilidade.

Acidente

Ficou muito conhecido nas escolas brasileiras, principalmente as públicas ou aquelas com baixo orçamento, um aparelhinho conhecido como Mimeógrafo, na década de 80. Era uma máquina simples, mas muito útil, que servia para fazer cópias de provas, de roteiros, de atividades ou de qualquer outro documento que fosse requisitado. Engraçado que o que tínhamos na escola não era o tal do Mimeógrafo - era seu irmão mais novo, o Duplicador a álcool (ou máquina Ditto) – mas o nome pegou, assim como Gillete ou Bombril, e até hoje conhecemos assim.

Na Escola Estadual Marta Freire, essa não era a tecnologia atual em 2015, mas precisou ser resgatada. No final do ano, em 2014, a impressora da escola resolveu que não queria mais funcionar, apenas fazer barulhos aleatórios até o operador perder a paciência. Como os professores não tinham como comprar cartuchos de tinta para imprimir provas em casa, decidiram dar uma chance ao velho e empoeirado mimeógrafo.

O funcionamento era simples – colocava-se o documento original junto a uma matriz em uma espécie de rolo. Em outro compartimento colocava-se álcool e já está! Cabe ao usuário "rodar" esse rolo embebido de álcool em novas folhas de papel, para que saíssem com uma cópia do original. Um fato curioso é que, terminado o processo de cópia (independente da época), é mandatório para o ser humano cheirar o documento produzido no mimeógrafo! Tem um cheiro particular, que mistura tinta e álcool gelado.

Chegado o fatídico dia de provas, Marina precisava usar a dita máquina. Para ela não era tecnologia alienígena – mimeógrafo era o ápice tecnológico das escolas que estudou. Pegou as resmas, o álcool, a matriz e pôs-se a trabalhar.

O processo era repetitivo e enfadonho..., mas era satisfatório ver as cópias saindo da máquina. Girando, girando... 80 cópias para suas duas turmas. Está de bom tamanho.

– Vamos lá povo bonito! Hoje é aquele dia que a gente vinha conversando. Cada um na sua carteira, esqueçam telefone, esqueçam seu amiguinho do lado e concentração. Quem tiver dúvida é só falar comigo!

Ela lambia o dedo, para agarrar na página, e entregava a prova aos alunos. Um por um. Lambendo o dedo, e passando as páginas. Lambendo e passando.

Os alunos, ao receber a prova, automaticamente levavam ao nariz e davam uma fungada (comportamento padrão).

Silêncio na sala... Marina aproveita para recontar as provas, saber quantas ainda sobram para a outra turma. Lambendo o dedo e passando a página. Lambendo e passando...

Até que ouve um som grave, de algo caindo. Era Emilly – com sua cabeça repousando sobre a carteira.

– Emilly, tudo bem aí?

Nenhuma resposta... depois veio Cleiton. *Pof!!* (a cabeça batia na carteira). José... Rodrigo... Catarina... um por um foram adormecendo.

Marina pensa: “*Pelas caridades!!* Eu droguei os meninos com o álcool da prova!!”. Ela se levanta desesperada para pedir ajuda e o mundo gira ao seu redor. Se segura na carteira, mas era tarde demais, sua cabeça fica muito leve e ela cai desmaiada.

O que Marina não sabia era que sua hipótese fazia sentido. Mas não foi o álcool sozinho que havia causado a reação - ele tenha sido combinado com outro produto químico: água sanitária. Aquele episódio do zelador havia encharcado as folhas A4 de água sanitária, que em contato com o álcool, geraram um composto perigosíssimo conhecido como *Clorofórmio*.

Resumo da obra: Uma turma de adolescentes de Ensino Médio apagada em sono profundo, por inalarem o dito composto e uma professora hospitalizada, porque além da inalação, ela havia lambido, por diversas vezes, os dedos impregnados de clorofórmio quando fazia a contagem das páginas.

Marina foi levada para a emergência desacordada, mas com suas funções vitais preservadas. Após dias de tratamento, os médicos acreditaram que ela havia entrado em um raro estado de coma.

Dias tornaram-se semanas, que se tornaram meses, que se tornaram anos. Durante esse tempo na mente de Marina em um longo sonho, mimeógrafos coreógrafos rodavam os céus, em uma alucinação pintada de aquarela, como um loop contínuo de tudo havia acontecido na escola.

De volta à vida, (des)conhecer o mundo

- Vem cá, enfermeiro!!! Corra aqui, homem, ela abriu os olhos!!
- Calma dona Nancy, deixe eu ver o pulso... a pressão
- Marina!! Tá me ouvindo??
- *Hum...* onde é que eu tô?
- *Tá* no hospital minha filha!

- *Mainha*, eu vou ser presa!
- Por que menina? Deixe de conversar besteira!
- Os meninos cheiraram a prova! Morreu todo mundo.
- Não morreu ninguém Marina, os meninos só apagaram. Mas você ainda lembra disso?? Já faz tanto tempo...
- Como assim tanto tempo??
- Calma, minha filha... você vai entender.

As primeiras horas de volta ao mundo e Marina se sentia nauseada. Dona Nancy tentou ir devagar, contando para ela apenas o necessário. Olhando pela janela do hospital, ela via um monumento que ficava no centro da cidade. Estava se localizando, sabia que esse era o Hospital Universitário, o HU.

- Minha filha, tome uma aguinha
- Eu só sinto a *catanga* daquele mimeógrafo, acredita?
- Marina, tu não existes...
- Mas me diga a verdade, o que aconteceu comigo?

Dona Nancy contou que a turma passava bem e que ela esteve em coma. Contou que a polícia federal quis prendê-la por terrorismo, depois que acharam clorofórmio nas provas do terceiro ano, mas Dênis, o zelador, falou sobre o incidente da água sanitária – os legistas concluíram que se tratava de um gravíssimo caso de má sorte, e não a incriminaram (nem a Dênis).

- *Vixe*.... E isso tudo aconteceu nessa semana? Nesse mês?
- Minha filha... Seu coma foi raro! O médico disse que tu não engoliu clorofórmio não, *comeu com farinha!*
- E eu fiquei quanto tempo em coma?

As próximas três palavras ditas por Dona Nancy faziam Marina tremer e gelar dos pés à cabeça: "por dez anos minha filha"! Marina pula da cama, cambaleando, e corre para um espelho: "uma, duas... ai meu deus cinco rugas!! O povo na rua vai achar que eu sou uma velha acabada". Rindo do drama, a mãe vai até a enfermaria para pedir a alta da filha – Recebe uma sacolinha com algumas medicações e começa a arrumar tudo para sair. Era hora de ir para casa.

De mãos dadas e aos pouquinhos, as duas iam em direção à saída do hospital onde esperavam o transporte. Marina se vira e lê a fachada do prédio: Centro Hospitalar Davan – Há cinco anos livre do comunismo.

- Oxe mainha, esse não era o HU?
- Não minha filha, agora é o Hospital da Davan.
- O que é Davan?
- É uma empresa que comprou, depois que privatizaram.
- Privatizaram o HU?
- Tem muita coisa que você não sabe...

O motorista, já curioso com a desinformação da moça, queria saber mais sobre ela.

- Tu é daqui é?
- Sou sim senhor
- Tava doente era
- Tava...
- Vixe...trabalha em que hein?
- Sou professora do Estado
- Eita... boa vida. Tão novinha e já se aposentou
- Como assim amigo?? Eu trabalho feito o diabo naquela escola
- E tu ensina o que?
- Ciências
- Ah então é naquela escola particular, só de barão né? Porque tiraram essas doutrinações de vocês das públicas faz um tempo, graças à Lenda!!

– Não, trabalho na estadual mesmo. Como assim doutrinação? Eu não trabalho com religião não amigo, é com ciências.

– Mas não me diga que você é desses comunistazinhos baratos? Deve ter até camisa de Átylo...

Dona Nancy remenda – Meu amigo, dirija! Deixe de conversar *miolo de pote* com a menina, caminhe.

Em casa Marina checa a sacolinha com medicamentos, para ver o que precisará tomar pelos próximos dias. Tenta ler o nome... complicado – Hidroxi – cloro – quina. Pega a bula.

– Oxe, oxe, oxe! ... mas esse remédio é pra malária... ameba...

– Não minha *fia*, isso foi o que salvou o povo. Esse remédio é muito bom, melhor até que água rabelo. Os *dotô* dão pra gente direto.

Marina indignada decidiu não tomar, e recomendou a Dona Nancy que não tomasse também, pelo menos até que ela pesquisasse um pouco mais sobre, para ter certeza sobre o medicamento. Liga o computador – na tela, Windows 12... *Tu acha?* No meu tempo era 8 (pensa).

– *Ô Mainha*, que diabo esse computador tem que não abre nenhum dos sites que eu quero ver? A internet ainda é via rádio, é?

– Eu sei lá menina, é internet que bota nas casas do povo e pronto. Ah minha *fia*, *agora deu mesmo*, não sei nem o que é um site. Manda um *Zap* pras tuas amigas que elas te ajudam com esse negócio.

Lembrou como era bom esse negócio de ver e falar com a pessoa sem gastar os créditos! Não pôde deixar de rir ao pensar: – “Agora que meu salário vai render mesmo!”

As orientações médicas de descanso e de retomar suas atividades com calma entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Marina estava ardendo de curiosidade para saber o que tinha acontecido nesses dez anos, com os pensamentos a mil, conjecturas é o que não faltavam.

– *Vixe!* Minha namorada, por será onde anda? Será que ainda quer uma mulher que lambe clorofórmio? E a escola...??? Deve estar *tinindo* de boa! Vai ver que agora tem o Ciências sem barreiras até no Ensino Médio... Já imaginasse aquelas criaturas que não sentam para fazer uma atividade estudando ciências no exterior? Devem estar se achando... Não vai ter ‘te aquieta menino’ que dê conta! Misericórdia, perdi duas eleições, será que meu título ainda presta pra alguma coisa ou já inventaram uma forma mais chique de votar?

Assim que se sentiu mais disposta, marcou de encontrar as amigas em um café-bar que tinha no centro da cidade. Apesar de a disposição das mesas ser a mesma, achou tudo muito diferente! Era tapete sanitizante para limpar os pés, álcool em gel na entrada para higienizar as mãos (ou melhor, o tubo vazio), pia acessível para lavar as mãos (só não tinha água, nem sabonete). Por um momento achou que estava em um congresso de ciências da saúde. Riu sozinha enquanto pensava:

– Menina, quando foi que a gente ficou tão higiênico? Se bem que, olhando para as pessoas e o espaço, é tudo de enfeite, ninguém está nem aí para essas coisas....

As meninas chegaram, as conversas e atualizações caíram por noite adentro. Foram necessários muitos cafés para digerir a história de que o mundo perdeu milhões de vidas para uma pandemia mundial causada por um vírus chamado Sars-Cov-2. Mas parece que não existe nada tão ruim que não possa piorar. Marina descobriu que, agora, as pessoas eram, declaradamente, anti-ciência... E isso é possível? Dá pra ser anti-ciência com opinião? Parece que agora dá... Aparentemente boa parte da população não confia mais nas orientações de médicos, biólogos, educadores... não confiam e até se recusam a tomar vacinas.

- Minha gente, que *presepada* é essa? Eu acordei em 2025 ou em 1904?
- Marina, *tu não sabe da missa um terço*... Já visse quem é o presidente?
- Não sei se estou preparada pra saber não...

Com muito cuidado e pouco a pouco, as amigas contaram a Marina que em 2018 um ex-militar ganhou as eleições, e a sequência de desmandos nas políticas públicas que ele causou – o fim dos incentivos à pesquisa, as privatizações das estatais, o discurso de ódio contra as minorias, e todo o genocídio na grande pandemia de 2020, para lucrar com vacinas. Explicaram que cloroquina agora virou uma panaceia para os pobres, junto com a ivermectina, que se algum pobre precisasse de atendimento médico, eram três protocolos – soro, cloroquina ou ivermectina e mandar de volta para casa. Não tinha mais isso de atestado.

- Mas não me digam que ele se reelegeu em 2022?
- Não Marina, ele não pode se candidatar! Foi condenado por fraude, peculato, prevaricação e genocídio...
- Mas piorou (rebate a outra amiga) - o filho dele, 01, investiu pesado em uma campanha de Fake News inventando que foram eles que acabaram com a pandemia usando cloroquina, como se eles tivessem “salvo” o país. Todos que eram contra, na mídia, na ciência, começaram a desaparecer....
- Isso (complementa a outra amiga), aí em 2022 ele foi eleito.
- Minha gente, e eu jurando que tinham acordado do pesadelo! Me botem de volta no coma pelo amor de Deus!!!

Chegou em casa na madrugada com a cabeça fervilhando, precisava ver para crer. Depois de muita busca, conseguiu encontrar uma manchete ou outra divulgada por *coachs* em jornais com circulação em 2020: “O uso da máscara acidifica o sangue... As vacinas causam autismo... Tomar vermífugo é efetivo no tratamento de doença viral...Tomar água de 15 em 15 minutos evita

contaminação viral...” Era uma coisa pior que a outra. Não sabia se ria ou chorava de nervoso. De Associação Brasileira dos Defensores da Terra Plana à Sociedade Conservadora da Família Tradicional, tinha de tudo nesse futuro. Tentou acalmar os ânimos e dormir, afinal amanhã era dia de entrar em contato com a escola e saber se seu emprego ainda estava a sua espera.

Ela acordou cheia de energia e vontade de retomar a vida. Imagine a felicidade quando viu a mensagem enviada pelo diretor da escola para o WhatsApp de Dona Nancy:

– MARINA DA SILVA, retorne imediatamente ao trabalho. Cada dia afastada será descontado do seu dia de “trabalho”.

O tom era ríspido, não entendeu nem porque trabalho estava entre aspas, mas a felicidade de retomar suas atividades de ensino e pesquisa a fazia sentir-se viva novamente, tanto que até esqueceu por um momento os absurdos que havia lido e ouvido na noite anterior.

O que aconteceu com a escola?

– Menina, te senta pra comer! Mania feia de comer em pé – Disse Dona Nancy, que tinha botado até os pratos da visita para enfeitar a mesa.

– *Oxe*, Mainha, eu passei 10 anos deitada, quero me sentar não! Tá tudo lindo, obrigada pelo cuscuz, mas agora eu vou assumir meu emprego de volta.

Saiu às pressas antes que sua mãe pudesse lhe falar sobre a escola. Depois de 10 minutos de caminhada chegou no endereço extremamente contrariada com um letreiro enorme que dizia: ESCOLA ESTADUAL DA FAMÍLIA CONSERVADORA 157.

Se dirigiu ao porteiro para pedir informações:

– “Moço, você pode me dizer onde fica a Escola Estadual Marta Freire? É que eu sou professora lá, mas acho que o endereço mudou”.

Ele ironicamente respondeu:

– “Só podia ser professora mesmo (risos)... Minha senhora, o nome dessa escola mudou faz tantos anos... Agora é uma escola do cidadão de bem, que defende a moral e os bons costumes”.

Resolveu ignorar essa conversa fiada e entrar na escola para encontrar o diretor. A escola, mais uma vez, parecia ter vida própria, mas agora tudo era diferente. Não tem mais quadro,

projektor, marcador de texto... ao invés disso, as salas de aulas eram equipadas por câmeras em tripés, luzes redondas e mais uma tonelada de tecnologias que nunca nem tinha imaginado. Pensou consigo mesma enquanto caminhava pelos corredores: “Como é que esse povo faz para ministrar aulas agora?”. Foi removida desses pensamentos pela voz do diretor que a convidava para entrar na sala.

– Oi menina, bom dia. Estou contente que você voltou dos mortos e parou de gastar o dinheiro do povo dormindo.

– Como...

Antes que ela pudesse terminar a frase ele continuou:

– Não me interrompa que eu tenho muito trabalho a fazer ainda hoje. Sei que no seu tempo era só baderna, mas agora é trabalho de verdade. Você deve ter visto as câmeras e *ring lights* nas salas, elas são o principal instrumento de trabalho, já que os veículos oficiais do governo são dois aplicativos de circulação de vídeos e mensagens, o Toc Toc e o Quai. Alunos e professores gravam vídeos, fazem dancinhas, do tipo “Vai se tratar garota, sai da minha bota...Conhece? Não? Ih... Você precisa entrar na moda e rápido!”

– Ah! Antes que eu me esqueça, seu emprego agora paga metade do salário base, finalmente uma luta ganha! Professor tendo um salário compatível com o seu “trabalho”. É pegar ou largar, quem achar ruim que peça demissão. Já tá sabendo do principal, agora vá na sala dos *coachs*, nós temos os melhores do Brasil! Eu mesmo convenci-os a vir liderar nossa equipe de professores e coordenação pedagógica”.

Marina saiu da sala ainda mais contrariada do que quando entrou. Foi isso mesmo que ela entendeu? Tinha que aprender a dançar no Toc Toc? Seu chefe era um coach? Foi arrancada por esse turbilhão de pensamentos ao ser praticamente arrastada pelo braço para uma reunião com seus novos líderes. Na reunião ela descobriu que o ensino de ciências não era mais a mesma coisa ou nem era alguma coisa, de fato.

– Ah! Marina não é? Soube que você voltou do coma recentemente. Que sorte a sua *hein* menina! Acordar na melhor fase do Brasil

Disse o Coach Márcio, que já aproveitou para puxar seu discurso motivacional do dia:

– É isso mesmo pessoal, quem quer, faz acontecer! É isso que eu falo todos os dias aqui: quando você mentaliza uma coisa e se esforça muito, ela acontece!

Voltando mais uma vez para Marina, fala:

– Você já deve saber que aquelas disciplinas de comunistas não são mais oferecidas nas escolas públicas. Elas só serviam para criar o caos e doutrinar nossas crianças: ciências, filosofia, sociologia... agora nós temos o DCNB – Documento Norteador do Currículo Básico que organiza o Ensino Médio em 2 anos. No primeiro, o estudante aprende a base, português, matemática e estudos cívicos e morais. E no segundo ano, a formação para o mercado de trabalho. Os estudantes escolhem um itinerário formativo para seguir e não é pouca coisa não viu!? Eles têm mais de 50 opções de cursos técnicos para escolher.

– Tá vendo, no teu tempo não tinha isso! Agora os alunos podem escolher e, ao invés de perder tempo, saem da escola e entram direto no mercado de trabalho.

Estava tão assustada com a realidade posta que só conseguia pensar:

– Estou trabalhando uma versão bem piorada da escola técnica da década de 60. Saí do hospital pensando que os alunos da escola estavam aprendendo ciências de ponta e eles nem tem uma escola que se preze. Claramente, existem agora dois tipos de escola: a escola que oferece uma formação mais ampla, que só os ricos tinham acesso (inclusive ensinando em *off record* todas as disciplinas ensinadas antigamente) e a escola técnica profissionalizante que, aparentemente, o requisito para estudar era ser filho de operário.

Maria não conseguia aceitar o desmonte da educação, das ciências... parecia que tinha voltado do coma direto para uma ficção científica, talvez o Admirável Mundo Novo do Aldous Huxley ou até mesmo o Fahrenheit 457 do Ray Bradbury. Era tudo tão fora de série! Percebia agora, de forma cristalina, que aprender, ensinar, instigar a curiosidade e a crítica, divulgar ciências eram práticas fora de moda.

O pior é que o problema não era só as proibições e controle do governo, é que uma boa parte das pessoas além de não confiar nas ciências, não fazia nenhuma questão de se aproximar dessa expressão da cultura. Em suas navegações pelo Instagram era comum encontrar o apoio expressivo da população à projetos de lei como o PL nº 867/2015 de que aprovou a proibição de ensino de conteúdos que, de alguma forma, entrassem em conflito com as convicções religiosas ou morais da família tradicional brasileira ou ainda o PL nº 5336/2016 que conseguiu inserir o criacionismo no documento curricular norteador da educação básica.

Assombrada com esse cenário distópico, ela estava certa de que precisava conversar com alguém que já conhecia e que, certamente, a ajudaria a compreender melhor tudo isso. Decidiu. No dia seguinte faria uma visita à Universidade.

O que aconteceu com a Licenciatura?

Quando chegou lá era meio da tarde. Um calor grande. Mas ela estava feliz, pelo menos o prédio ainda estava lá. “Moça, documentos” - escuta. Dois policiais a abordam para uma revista.

- Ei maconheira, o que é que está levando aí? De que curso você é?
- Que é isso? Eu não sou estudante, já me formei, estou indo ver um professor.

Os policiais revistam sua bolsa e a deixam passar, com ar de desconfiança. Marina fica indignada com a situação, mas sua raiva passa assim que chega na cantina do DEBIO. No balcão, tomando café, ela avista Cláudio, seu antigo professor de Anatomia. Já com barbas brancas e com cara de cansado, acena para ela e chama para sentar-se.

- Professor, não sabe como é bom ver um rosto conhecido!
- Marina, que coisa boa te ver... Eu soube... Nós soubemos do seu acidente. Ficamos muito preocupados, mandamos até flores para o hospital.
- Obrigada professor... Foi muito tempo que eu passei assim... Estou ainda tentando me organizar... Queria mesmo conversar, professor, tem um minutinho?
- Tenho sim! Ainda falta um tempinho pra eu bater o ponto lá na empresa.
- *Ihh* que chique virou empresário, foi professor?
- Nada Marina, eu *tô* fazendo 8h em uma editora, pra complementar a renda.
- Como assim? E como o senhor dá conta da pesquisa?
- Tive que deixar...

O cenário que Cláudio expõe para Marina não é o que ela estava esperando. O seu relato deixa claro que a desarticulação da educação foi estrutural e profunda, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. O professor explica que o regime de trabalho dos servidores mudou – agora não existia dedicação exclusiva, os professores são contratados e recebem por hora aula ministrada – o preço da hora aula caiu, para equivaler à tabela de custo-benefício do governo, uma espécie de pregão para avaliar quem são os profissionais que cobram mais barato e contratá-los.

Agora trabalhando muito e ganhando pouco, a pesquisa e a extensão tornaram-se privilégios de algumas áreas específicas de interesse do governo. As ciências humanas, as artes e a pesquisa de base foram as mais afetadas.

Marina fica pálida, mas o professor continua o relato. A falta de estabilidade dos servidores, não permite que se manifestem mais.

– Qualquer deslize a gente *vaza*, Marina – é controle e alienação pesada!

– *Ai*, que horrível, professor! Hoje mesmo eu fui entrando aqui e dois policiais me revistaram, como se eu fosse bandida

– *Poxa* que saudade do tempo que não tinha isso... Agora é procedimento padrão... Para evitar “drogas e prostituição”, tem até campanha na TV de como eles liberaram as universidades do comunismo...

– Que horrível... Mas e os outros professores lá do curso?

– A licenciatura está quase fechando... São pouquíssimos alunos em cada entrada. Ficou muito desleal, Marina... Eles cobram física, química, robótica, biologia na prova do Vestibular, mas o pessoal da escola pública só estuda Português, Matemática e Projeto de Trabalho...

– Nem me fale, eu soube disso essa semana, quando voltei para a escola. Mas professor, quem é que entra nos cursos agora?

– Entram os filhos dos ricos, claro... Eles sim, nas escolas particulares, têm dois turnos com aulas de todas as aulas.

– Você deve morrer de saudade da nossa turma...

– Vocês davam um trabalho desgraçado, mas eu adorava aquele tempo! A gente podia debater ciências, tinha PIBIC... agora as bolsas acabaram, foram para as escolas particulares. Dizem que é coisa de comunista, se quiser pesquisar você que pague do bolso, por fora da mensalidade, claro.

– Que mensalidade???

– A mensalidade da Universidade.

– Da pública???

– Sim! Infelizmente, minha cara, quem tomou conta de tudo nesse país foi a *grana*...

Carlos toma o último gole de café e abraça Marina. – “Seja forte!”, diz ele, “Tudo isso vai passar.”

– Um dia de tranquilidade a gente não tem nesse país (ela pensa)

Ao caminhar Marina conversa com mais duas ou três pessoas que reencontra, todas confirmando e acrescentando detalhes sórdidos a esse cenário. No meio das conversas pergunta por seu antigo orientador, para saber se ele ainda estava por lá. Explicam que ele havia se aposentado, foi o último professor do departamento a conseguir esse privilégio – era visto como um tipo de totem sagrado, já que mais ninguém poderia se aposentar.

– Gente, cadê os cientistas??

Dias e dias se passaram com Marina no meio desse furacão. Não conseguia nem construir um panorama de tudo que estava acontecendo porque o diabo da internet não colaborava. Ligou para a Viva Conectado, indignada. Depois umas boas horas passando de atendente em atendente, finalmente conseguiu ser atendida:

– Viva conectado, a melhor operadora de internet de todos os tempos, Nathalya, bom dia, com quem eu falo?

– Marina... (Falou com *ranço*, melhor de todos os tempos *uma ova!*)

– Ok senhora, o protocolo da sua ligação foi enviado no seu WhatsApp, se a senhora não receber, é só ligar de novo. Em que posso ajudá-la?

– Olhe só, faz mais de um mês que eu tento acessar os sites dos periódicos capes, revista ciência e educação, cadernos de estágio e nada! Até o canal do Átylo no Youtube está fora do ar... um absurdo! Já viu professor de ciências ensinar ciências sem consumir ciências? Não tem como...

A atendente escutou em choque. Recompôs-se apenas para dizer:

– Senhora, não sei qual o seu problema de saúde, mas serei obrigada a reportá-la à polícia caso torne a nos incomodar com tamanhos desacatos. É melhor a senhora tomar cuidado com o que fala para não acabar presa

A ligação terminou e ela ficou pasma com a reação da atendente: – “A defesa do consumidor acabou também, foi? Porque eu pago pela internet, mas eles quem escolhem o que eu vou acessar?”. Ainda indignada ligou para contar o episódio as colegas de trabalho que escutaram a história com um frio na espinha...

As meninas se limitaram a dizer:

– “Marina, mulher! Tu nem voltou e já tá se metendo em confusão? Acho melhor tu deixar essa história para lá (dando uma piscadela sorrateira) e sair com a gente para comer uma tapioca lá em Seu Firmino”.

Ela não entendeu muito bem o sigilo, mas um convite pra comer a Tapioca de Seu Firmino era sempre irrecusável. Chegou no lugar onde as meninas já a aguardavam e não deu nem boa tarde direito, já queria pular para parte de saber por que a atendente falou que ela podia ser presa. Era só o que faltava!

Com o máximo de cuidado possível para não ser ouvida (nunca se sabe quem está te observando) elas contaram que tudo teve início em 2021 com uma indisponibilidade nos Sistemas de Disponibilização dos Dados de Pesquisa devido a uma aparente queima de servidor.

– Ué? E como o pessoal acessava os currículos?

– Então, tá aí a questão, não acessava! E isso não é nem a pior parte da história. Poucos dias depois conseguimos recuperar o acesso, mas nossos dados de pesquisa, cursos, até o intercâmbio que fizemos não estava mais registrado lá...

– Oxe, e vocês tiveram que recadastrar tudo do zero?

– Pior que não! O que aconteceu é que a equipe responsável pela plataforma, a mando do governo, aplicou várias regras de firewall que impediam o acesso público a sites que representavam um 'desserviço' à sociedade: bases de dados, revistas, canais do Youtube, enfim, qualquer portal de divulgação científica.

– Mulher, que doideira! E como é que o povo analisa o currículo agora?

– Eu já te falei Marina, abre logo essa conta no Toc Toc e Quai e começa a postar, senão tu vai ser é demitida!

Já sem segurar as lágrimas com tanta barbaridade, perguntou por seus ídolos científicos, inspirações na divulgação científica: Átylo e Nathalya.

– Mulher!! É *babado*...

– Marina, Átylo foi 'azilado'.

– É exilado, que fala, regina (Marina corrige)

– Mas é chata...

– Enfim, deportaram ele do país por conta de uma campanha que ele fez com Nathalya, no tempo da pandemia de Covid.

– Por quê?? Ele estava espalhando Fake News??

– Não, exatamente o contrário – ele estava lutando contra quem espalhava Fake News. Só que isso estava prejudicando a imagem de O1, a Lenda.

– Foi... Átylo e Nathalya começaram a ser vistos como uma representação da ciência, sabe? Todo mundo ficava feliz com eles estarem defendendo a ciência no meio de tanto ataque.

– Mas quando aí começaram o tal do movimento “Nossa bandeira nunca será vermelha”, em resposta a uma mobilização nacional nas universidades a favor das ciências...

– Era ridículo. Queriam expulsar os ‘comunistas’ das universidades, e começaram a perseguição pesada a quem viesse em público desmentir as Fakes deles.

– Nessa época Átylo foi preso, como exemplo. Mas dizem que ele fugiu, com a ajuda de Tiberê... *daí* pra frente eu não sei. Parece que em um submarino.

O que podemos e devemos fazer?

Tudo aquilo parecia um pesadelo sem fim. Marina ficou desorientada – pede licença às amigas para ir ao banheiro, está tonta, mas um pouco de água no rosto vai servir para acordá-la. Joga água uma, duas, três vezes... Parece estar melhorando. Se apoia sobre a pia. Lá de dentro escuta algumas vozes pelo pergolado, pessoas conversando lá fora, cochichando.

– Tem certeza?

– Tenho, acabei de ver ela entrar

– E é a comunista?

– É, ela e as amigas. Estão conspirando contra a Lenda - vamos levá-las.

Os próximos eventos são nebulosos. Marina lembra-se que depois de escutar a conversa a porta do banheiro é arrombada, e ela é agarrada pelos braços por duas pessoas encapuzadas. Por mais que gritasse por socorro, ninguém vinha, e seus gritos logo foram abafados por um pano fedorento colocado sobre sua boca e nariz.

Ela começa a perder as forças aos pouquinhos, e não consegue mais dar pontapés nos sequestradores com toda vontade. Antes de apagar completamente, ela reconhece aquele cheiro... Isso é... Clorofórmio? Marina apaga.

Depois de algum tempo, Marina acorda desorientada.

– “Eu não fiz nada, vocês não podem me manter aqui, isso é uma ditadura!” – Grita com todo o ar dos pulmões.

Percebe que está cercada por várias pessoas. Ainda aterrorizada, não consegue entender o que está acontecendo. Largaram ela no meio de uma escola? Uma voz fala em alto e bom tom:

– Afastem-se todos! Ela precisa respirar... (O tumulto e os sussurros continuam)

Ela reconhece a voz da diretora. Do zelador. Dos alunos...

Com medo de falar palavras erradas e acabar presa novamente sussurra: – Cadê os *caras* que me deixaram aqui? Vocês os reconheceram?

A turma inteira cai na gargalhada. Um aluno fala bem-humorado:

– *Na moral prof.*, aquela *parada* que a senhora botou na prova é muito doida! Viajei que estava abraçando Darwin!!

– *Parada!?* – Exclama a diretora – que parada é essa Marina?

– Marina ri... “Não faço ideia, amiga...”

Movida por um sentimento bom, que misturava alívio e indignação, conclusão e recomeço, certeza e incerteza, Marina se deita novamente no chão, reflexiva. Estava de volta. Na verdade, nunca havia saído. Mas tudo aquilo que ela viveu parecia, em medidas iguais, absurdo e real. E isso a preocupava. Se existe a mínima possibilidade de algo assim acontecer, ela sabe que não pode dar ao luxo de alienar-se. Marina, então, repete várias vezes a mesma frase para si mesma:

– Eu vou garantir que isso nunca aconteça.

– Eu vou garantir que isso nunca aconteça.

Quando finalmente se senta, retomando o fôlego, vê o rosto de todos e todas e prontamente reformula a frase:

– Nós vamos garantir que isso nunca aconteça

– Nós vamos garantir que isso nunca aconteça

Fim.